

ANÁLISE DOS GOLS SOFRIDOS NO CAMPEONATO BRASILEIRO FEMININO DE FUTEBOLThais Cristina Weiss Silveira¹Fábio Saraiva Flôres²**RESUMO**

O futebol feminino vem crescendo em popularidade em nosso país, dessa forma, o objetivo do presente estudo foi analisar a origem dos gols sofridos pelas equipes participantes do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino no ano de 2017. Foram analisados 126 jogos da competição. As variáveis analisadas foram os gols em jogadas normais (em jogadas de ataque ou contra-ataque), de bolas paradas, por falha das goleiras, gols contra, pênaltis e em jogadas de escanteios. Os resultados mostraram que a maioria dos gols originaram-se em jogadas com a bola rolando (70,91%), em situações de ataque ou contra-ataque. A segunda maior incidência de gols foi observado nas cobranças de penalidades (10,10%). Os achados dessa pesquisa permitem concluir que as equipes de futebol feminino no Brasil não são eficazes nos lances de bolas paradas, principalmente nas cobranças de escanteio, o qual mostrou baixos índices de acerto (1,44%). Ademais, sugere-se que adequações (redução) no tamanho das metas sejam realizadas para as competições femininas, visando uma melhora da qualidade visual das partidas e aumento da competitividade entre as equipes.

Palavras-chave: Futebol Feminino. Scout. Jogos Esportivos Coletivos.

ABSTRACT

Analysis of the goals suffered in the women's Brazilian football championship

Women's football has been growing in popularity in our country, in this way, the aim of this study was to analyze the origin of goals by the teams that participated in the Female Brazilian football Championship in 2017. We analyzed 126 games of the competition. The analyzed variables were the goals scored in normal moves (in attack or counter-attack moves), free kicks, goalkeeper failure, own goals, penalty kicks and corner kicks. The results showed a higher incidence of goals in normal moves (70,91%). The second, goals in penalty kicks (10,10%). The findings of this research allow us to conclude that women's football teams in Brazil are not effective in standing ball games, especially in corner kicks, which showed low hit rates (1.44%). In addition, it is suggested that adjustments (reduction) in the size of the goals be made for the women's competitions, aiming at an improvement of the visual quality of the matches and increase of the competitiveness between the teams.

Key words: Women's football. Scout. Collective Sports Games.

1-Graduanda em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria-RS, Brasil.

2-Doutorando em Motricidade Humana, pela Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail dos autores:
thais-weiss@live.com
flores.saraiva@gmail.com

INTRODUÇÃO

O futebol teve início na Inglaterra em meados de 1860 (Wilson, 2013) e desde então, sofreu e vem sofrendo diversas alterações em suas regras, normas, estratégias e sessões de treinamento (Flôres e Balsan, 2016).

Trazido ao Brasil por Charles Miller em 1894 (Mills, 2014), o futebol foi desenvolvido primeiramente em São Paulo, sendo popularizado na década de 1930 (Freitas, 2006).

O futebol feminino, por sua vez, começou a ser desenvolvido no Brasil na década de 1920, em São Paulo, popularizando-se a partir de 1970 (Franzini, 2005).

Atualmente, o Brasil vem buscando desenvolver, mesmo que lentamente, o futebol feminino e, dessa forma, existem algumas competições oficiais. O Campeonato brasileiro feminino de futebol é a principal competição nacional, o qual “surgiu” nos moldes atuais como uma exigência da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), na qual, todos os clubes masculinos que busquem participar de competições internacionais deverão ter a modalidade feminina (CONMEBOL, 2016).

Na prática, para obter a licença, um clube deverá ter um time feminino ou se associar a um clube que o tenha. Por mais que seja uma alteração obrigatória e arbitrária, essa modificação pode auxiliar no incentivo e maior investimento e visibilidade para as atletas.

Da mesma forma que o futebol masculino, o futebol feminino faz parte dos Jogos Esportivos Coletivos (JECs). É uma modalidade esportiva caracterizada pela complexidade de ações, as quais podem ser imprevisíveis e, muitas vezes, aleatórias (Garganta, 2001).

As diversas variáveis que compõe o jogo de futebol feminino possuem suas características próprias, na qual, cada uma delas tem o poder de influenciar o resultado final de uma partida. O resultado no futebol (feminino) é determinado pelas ações defensivas e ofensivas e, em sentido mais amplo, o objetivo central é fazer mais gols do que a equipe adversária. Nessa visão, entender como as variáveis associadas aos gols podem colaborar para o planejamento das

sessões de treinamento, estratégias e as ações em campo das equipes (Fukuda, Santana, 2012).

Ao contrário do que ocorre na versão masculina (Almeida, Oliveira e Silva, 2011; Armatas e colaboradores, 2009; Bradley, Lago-Peñas e Rey, 2014; Collet, 2013; Souza, Farah e Dias, 2012; Vilar e colaboradores, 2013), uma menor quantidade de estudos se preocupam em analisar o desempenho das partidas de futebol feminino (Alcock, 2010; Alcock e colaboradores, 2012; David, Picanço, Reichert, 2014; Mohr e colaboradores, 2008; Silva Neto e colaboradores, 2010).

Nessa ótica, buscando ampliar o conhecimento sobre o futebol praticado pelas mulheres no Brasil, este estudo procurou analisar a origem dos gols sofridos pelas equipes participantes do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino no ano de 2017.

Tendo em vista o tamanho das metas e a altura média das jogadoras, espera-se que a maioria dos gols sofridos provenha de gols de faltas e bolas paradas. Aliado, espera-se que os gols sofridos sejam distintos em relação às diferentes fases do campeonato.

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra

Foram analisados 126 jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2017. Essa competição foi dividida em quatro fases: fase de grupos, quartas de final, semifinal e final. A fase de grupos foi composta por 16 equipes, com oito participantes em cada grupo. As quatro melhores equipes de cada grupo se classificavam para a fase de quartas de final. Igualmente, as quatro equipes vencedoras passaram para a semifinal e as duas vencedoras disputaram a final.

Instrumentos e procedimentos éticos

A presente pesquisa se caracteriza por utilizar a observação como método, a qual foi realizada por meio da análise de Scout dos jogos, a qual fornece dados sobre as diferentes variáveis do jogo de futebol (Flôres e Balsan, 2016). Este método de análise é amplamente utilizado para pesquisas científicas, principalmente no futebol (Castañer

e colaboradores, 2016; Jonsson e colaboradores, 2006).

Seis variáveis em relação à origem dos gols sofridos foram analisadas neste estudo. Gols sofridos em jogadas normais de ataque ou contra-ataque, gols provenientes de jogadas de escanteio, gols em jogadas de bola parada (faltas), gols em cobranças de penalidades, gols sofridos devido à falha técnica da goleira e gols contra.

Para a realização das análises, dois avaliadores observaram e realizaram a análise notacional das variáveis de interesse (Losada e Manolov, 2015).

Para fins de análise de dados, as fases de semifinal e final foram analisadas em conjunto. Devido ao objeto do estudo estar disponível livremente para visualização na internet e na televisão, o Termo de Consentimento não se faz necessário.

Análise Estatística

Foi realizada uma análise quantitativa por meio de estatística descritiva com média e desvio padrão para caracterização dos dados. A normalidade dos dados foi confirmada por meio do teste de Shapiro-Wilk. A comparação entre grupos foi realizada utilizando a ANOVA one-way, separadamente em cada fase. Foi realizado o post hoc de Tukey para verificar as diferenças entre as fases. Os dados foram analisados utilizando o Software Statistical Package for Social Sciences TM (SPSS 20.0). Foi adotado um nível alfa de significância de 5%.

RESULTADOS

Durante a fase de grupos foram marcados 382 gols, com média de 3,11 gols por partida. Na fase de quartas de final, 19 gols foram marcados e houve uma média de 2,38 gols por partida. Na semifinal, 12 gols foram marcados com média de 3 gols por jogo. Nos dois jogos finais da competição as equipes marcaram 3 gols, com média de 1,5 gols em cada partida.

Gols em jogadas normais

Em relação aos gols em jogadas com bola rolando (em jogadas de ataque ou contra-ataque) a análise dos dados mostrou diferença estatisticamente significativa entre as fases da competição ($F=20,864$; $p=0,000$). Ademais, houve diferenças entre as oito melhores equipes classificadas na primeira fase e as demais fases ($p=0,007$; $p=0,012$; $p=0,025$, respectivamente).

Gols em bolas 'paradas'

Os gols provenientes de bolas paradas mostraram diferença significativa entre as fases do campeonato ($F=6,156$; $p=0,003$). Comparando os grupos, os oito piores colocados na primeira fase tiveram desempenho estatisticamente pior do que as equipes que chegaram as quartas de final ($p=0,002$) e à final ($p=0,041$), quando comparado os gols de bola parada.

Gols por falha das goleiras

As análises apresentaram diferenças significativas entre as fases ($F=3,281$; $p=0,037$). As equipes que ficaram na primeira fase, apresentaram desempenho pior nessa variável quando comparada com as equipes que chegaram as quartas de final ($p=0,05$).

Gols contra

Não houve diferença entre as fases da competição e os gols marcados contra a sua própria equipe ($F=2,646$; $p=0,070$).

Gols de pênalti

A análise dos dados mostrou diferenças significativas nos gols em cobranças de penalidades ($F=29,852$; $p=0,000$). Houve diferença entre os oito piores classificados e as demais fases ($p=0,000$).

Gols em jogadas de escanteio

Não houve diferença entre os grupos para os gols em jogadas de escanteio ($F=2,391$; $p=0,092$).

Tabela 1 - Comparação entre os gols sofridos e as fases do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

Origem dos Gols	Fase de Grupos						Quartas de Final		Semifinal e Final		Total (%)
	16 Equipes		Melhores Equipes		Piores Equipes		Gols	%	Gols	%	
	Gols	(%)	Gols	(%)	Gols	(%)					
Jogada Normal	271	(70,94)	109	(74,15)	162	(68,94)	13	(68,42)	11	(73,33)	295 (70,91)
Escanteio	5	(1,31)	1	(0,68)	4	(1,70)	0	(0,00)	1	(6,67)	6 (1,44)
Bola parada	19	(4,97)	8	(5,44)	11	(4,68)	0	(0,00)	2	(13,33)	21 (5,05)
Pênalti	41	(10,73)	10	(6,80)	31	(13,19)	1	(5,26)	0	(0,00)	42 (10,10)
Falha da goleira	33	(8,64)	14	(9,52)	19	(8,09)	2	(10,53)	1	(6,67)	36 (8,65)
Gols contra	13	(3,40)	5	(3,40)	8	(3,40)	3	(15,79)	0	(0,00)	16 (3,85)
Total	382	(100)	147	(100)	235	(100)	19	(100)	15	(100)	416 (100)

DISCUSSÃO

O objetivo da presente pesquisa foi analisar os gols sofridos pelas equipes do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2017, separadamente em cada fase da competição.

Tendo em vista os resultados encontrados, as hipóteses deste estudo não foram totalmente comprovadas, pois, na maioria dos jogos, os gols tiveram sua origem nas jogadas com a bola rolando, em situações de ataque ou contra-ataque, explorando as situações de superioridade e igualdade numérica.

Resultados semelhantes aos apresentados por este estudo foram encontrados por Bezerra e Navarro (2012) e Michailidis e colaboradores (2004) e alguns fatores podem ter contribuído para os o elevado número de gols em situação de bola rolando, como falta de treinamento específico de cobranças de faltas ou penalidades, jogadoras capacitadas para a execução de jogadas de bola parada, sistema tático de jogo das equipes, dentre outros.

Mesmo que a maior parte dos gols sofridos seja em jogadas de bola rolando, as equipes altas incidência de gols sofridos em cobranças de penalidades pênaltis (10,10%).

A observação indireta da partida mostrou que a maioria das faltas cometidas dentro da área, foram feitas por falta de técnica da jogadora defensora, já que as marcadoras erravam o tempo da bola e por consequência, acertavam as adversárias. Talvez este fato seja reflexo de um planejamento e estruturação de treinamento ultrapassado e desconexo com a realidade do futebol feminino, o qual carece de maior aporte financeiro e interesse por parte da sociedade.

O amadorismo (ainda presente) e sessões de treino superadas (Guerra e Souza,

2008), com as jogadoras em fila (uma atrás da outra), esperando sua vez para ter a oportunidade de participar das ações, podem ter influenciado nos resultados encontrados. Conforme Fialho e Ugrinowitsch (2004), o treinamento serve como instrumento de preparação para a competição, ou seja, a organização da prática é um dos fatores determinantes que podem beneficiar a aquisição e a performance de habilidades motoras específicas do futebol.

O baixo número de gols marcados em jogadas de bolas paradas (5,05%) corrobora com os estudos encontrados na literatura (Alcock, 2010; Casal e colaboradores, 2014).

Alcock (2010) analisou a frequência de gols marcados nos campeonatos mundiais de futebol feminino, entre os anos de 1991 e 2007. Os resultados mostraram que apenas 4% dos gols marcados são provenientes em cobranças de bolas paradas. Resultados semelhantes foram encontrados por (Casal e colaboradores, 2014) ao analisar a Copa do Mundo de Futebol masculino no ano de 2010, no qual as equipes precisavam de 36 cobranças para conseguir marcar apenas um gol.

Os gols contra surgiram, em sua maioria, de bolas cruzadas, tanto na linha de fundo, como em confusões dentro da área, onde as jogadoras acabaram desviando a bola para seu próprio gol.

Por sua vez, os gols considerados falha das goleiras ocorreram devido ao mau posicionamento, saídas equivocadas, erros técnicos, gols sofridos pelo meio das pernas, rebotes e falta envergadura para alcançar as bolas.

Neste sentido, cabe ressaltar um problema que vem sendo discutido nas mídias, já há algum tempo: O tamanho das metas (7,32 m de largura e 2,44 de altura) não deveria ser reduzido, tendo em vista que

mulheres, geralmente, possuem menor estatura do que os homens (no Brasil a média de altura é de 1,73m para os homens e 1,60m para as mulheres)? A partir da observação indireta das partidas e das análises realizadas, acreditamos que sim.

A diminuição das metas poderia ter efeito positivo para os jogos de futebol feminino (em média são 13 cm de diferença entre os sexos), reduzindo a quantidade de gols feitos por falha das goleiras (relacionado à envergadura), e deixando o jogo mais igual entre as equipes, diminuindo as diferenças técnicas entre elas.

Argolo (2015) realizou uma análise temporal dos gols marcados no futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Londres de 2012. Os resultados mostraram que 51,42% dos gols foram marcados na segunda etapa da partida.

Ademais, a maior incidência de gols, independentemente de sua origem, é marcada entre os minutos 61 e 75 do segundo período das partidas (21,42%). Os dados encontrados pela autora vão ao encontro dos dados encontrados em jogos masculinos (Chiminazzo, Mascara e Del Vecchio, 2013).

Outro ponto interessante observado é que os gols, em geral, aconteceram muito devido aos problemas técnico-táticos das atletas. O posicionamento defensivo inadequado e a baixa qualidade técnica das marcadoras, principalmente nas oito piores equipes do campeonato, foram fatores determinantes para o desempenho ruim das equipes.

Durante os lances de ataque e, principalmente contra-ataque, as atacantes se deslocavam sem nenhuma adversária tentando efetuar a marcação, o que facilitava a dinâmica ofensiva e a finalização das jogadas. Em contrapartida, as melhores equipes do campeonato apresentaram maior consistência defensiva, e sofreram a maior parte dos gols em jogadas que resultaram de pequenos descuidos das marcadoras ou em chutes de longa distância.

Nesse sentido, a partir da análise dos jogos do campeonato brasileiro de futebol feminino, percebeu-se que a origem dos gols sofridos variou conforme os jogos.

Cabe ressaltar que as equipes que não passaram da primeira fase necessitam rever diversos conceitos, como a forma de treinamento, a qualidade das jogadoras, o

investimento pretendido e a profissionalização das atletas, ponto este, fundamental para o pleno desenvolvimento desse esporte em nosso país.

CONCLUSÃO

Com base nesse estudo, percebe-se que a falta de incentivo, ainda presente, e a pouca profissionalização das atletas pode ter influenciado a baixa qualidade das partidas observadas. Nessa ótica, as novas leis propostas, mesmo que arbitrárias, podem auxiliar no desenvolvimento do futebol feminino no Brasil.

Pode-se notar que as equipes não utilizam bem os lances de bolas paradas, principalmente o escanteio, o qual mostrou baixos índices de eficácia. Levando em consideração a diferença entre a altura das metas e das goleiras, sugere-se que adequações sejam realizadas para as competições femininas, visando uma melhora da qualidade visual das partidas e aumento da competitividade entre as equipes.

A partir dessa pesquisa, percebeu-se a falta de estudos que buscaram analisar os jogos de futebol feminino de forma sistemática. A dificuldade de comparação com outros estudos limitou a discussão com a literatura, o que pode ter influenciado no melhor entendimento do problema proposto.

Conclui-se que a análise dos jogos de futebol feminino pode ser uma importante ferramenta para avaliar as partidas e auxiliar as comissões técnicas na estruturação de novas formas de trabalho, novas metodologias relacionadas ao treinamento desportivo, e o desenvolvimento da modalidade.

REFERÊNCIAS

- 1-Alcock, A. Analysis of direct free kicks in the women's football World Cup 2007. *European Journal of Sport Science*. Vol. 10. Núm. 4. p. 279-284. 2010.
- 2-Alcock, A.; e colaboradores. Initial ball flight characteristics of curve and instep kicks in elite women's football. *Journal of applied biomechanics*. Vol. 28. Núm. 1. p.70-77. 2012.
- 3-Almeida, L. G.; Oliveira, M. L.; Silva, C. D. Uma análise da vantagem de jogar em casa nas duas principais divisões do futebol

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

profissional brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 25. Núm. 1. p. 49-54. 2011.

4-Argolo, J. S. Análise temporal dos gols no futebol feminino nos jogos olímpicos de Londres 2012. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 7. Núm. 24. p.191-194. 2015. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/299/277>>

5-Armatas, V.; e colaboradores. Evaluation of goals scored in top ranking soccer matches: Greek "Super League" 2006-07. Serbian Journal of Sports Sciences. Vol. 3. Núm. 1. p. 39-43. 2009.

6-Bezerra, R. B.; Navarro, A. C. Análise dos gols da VI Taça Brasil de Clubes 2010 na categoria sub-20 feminino. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 4. Núm. 11. 2012. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/124/122>>

7-Bradley, P. S.; Lago-Peñas, C.; Rey, E. Evaluation of the match performances of substitution players in elite soccer. International journal of sports physiology and performance. Vol. 9. Núm. 3. p.415-424. 2014.

8-Casal, A. C.; e colaboradores. Effectiveness of indirect free kicks in elite soccer. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 14. Núm. 3. p. 744-760. 2014.

9-Castañer, M.; e colaboradores. Goal scoring in soccer: A polar coordinate analysis of motor skills used by Lionel Messi. Frontiers in psychology. Vol. 7. 2016.

10-Chiminazzo, J. G. C.; Mascara, D. I.; Del Vecchio, F. B. Estudo descritivo da distribuição de gols, faltas e cartões no Campeonato Paulista 2008-Série A1. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 5. Núm. 15. 2013. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/186/168>>

11-Collet, C. The possession game? A comparative analysis of ball retention and team success in European and international football,

2007–2010. Journal of Sports Sciences. Vol. 31. Núm. 2. p.123-136. 2013.

12-CONMEBOL. Regulamento de Licencias de Clubes. 2016. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/es/reglamentos-generales/reglamento-licencias-de-clubes>>.

13-David, G. B.; Picanço, L. M.; Reichert, F. F. Análise de fatores determinantes do gol no futebol feminino. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 6. Núm. 19. p.18-27. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/225/208>>

14-Fialho, J. V. A. P.; Ugrinowitsch, H. O efeito da interferência contextual no treinamento de habilidades motoras esportivas. Temas Atuais em Educação Física e Esportes IX. Belo Horizonte. Saúde. p. 21-35. 2004.

15-Flôres, F. S.; Balsan, L. A. G. Scout analysis of soccer: new look on the Brazilian Championship. International Journal of Sports Science. Vol. 6. Núm. 3. 2016.

16-Franzini, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. Vol. 25. Núm. 50. p.315-328. 2005.

17-Freitas, M. A. Apontamentos sócio-históricos sobre o futebol no Brasil e em Belo Horizonte, Minas Gerais. Motrivivência. Vol. 27. p. 73-100. 2006.

18-Fukuda, J. P. S.; Santana, W. C. Análises dos gols em jogos da liga futsal 2011. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 4. Núm. 11. 2012. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/125/124>>

19-Garganta, J. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. Revista portuguesa de ciências do desporto. Vol. 1. Núm. 1. p. 57-64. 2001.

20-Guerra, R.; Souza, M. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. Rev Bras Futebol. Vol. 1. Núm. 2. p. 30-37. 2008.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

21-Jonsson, G. K.; e colaboradores. Hidden patterns of play interaction in soccer using SOF-CODER. Behavior Research Methods. Vol. 38. Núm. 3. p. 372-381. 2006.

22-Losada, J. L.; Manolov, R. The process of basic training, applied training, maintaining the performance of an observer. Quality & Quantity. Vol. 49. Núm. 1. p. 339-347. 2015.

23-Michailidis, C.; e colaboradores. Analysis and evaluation of way and place that goals were achieved during the European Champions League of Football 2002-2003. Sports Organization. Vol. 2. Núm. 1. p. 48-54. 2004.

24-Mills, J. Charles Miller: o pai do futebol brasileiro. Panda Books. 2014.

25-Mohr, M.; e colaboradores. Match activities of elite women soccer players at different performance levels. The Journal of Strength & Conditioning Research. Vol. 22. Núm. 2. p. 341-349. 2008.

26-Silva Neto, M.; e colaboradores. Avaliação isocinética da força muscular em atletas profissionais de futebol feminino. Rev. bras. med. esporte. Vol. 16. Núm. 1. p. 33-35. 2010.

27-Souza, E. L. N.; Farah, B. Q.; Dias, R. M. R. Tempo de incidência dos gols no Campeonato Brasileiro de Futebol 2008. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 34. Núm. 2. 2012.

28-Vilar, L.; e colaboradores. Science of winning soccer: Emergent pattern-forming dynamics in association football. Journal of Systems Science and Complexity. Vol. 26. Núm. 1. p. 73-84. 2013.

29-Wilson, J. Inverting the pyramid: the history of soccer tactics. Nation Books. 2013.

Recebido para publicação em 04/10/2017

Aceito em 13/11/2017